

VENCENDO O DESAFIO DA EXPRESSÃO ORAL

[...] para o Sermão vir nascendo há de ter três modos de cair: há de cair com queda, há de cair com cadência, há de cair com caso. A queda é para as coisas, a cadência para as palavras, o caso para a disposição. A queda é para as coisas, porque hão de vir bem trazidas e em seu lugar; hão de ter queda. A cadência é para as palavras; porque não hão de ser escabrosas, nem dissonantes, hão de ter cadência. O caso é para a disposição, porque há de ser tão natural e tão desafetada que pareça caso e não estudo.

(VIEIRA, Antônio - Sermão da Sexagésima.)

Professora Marina Cezar¹

Nos mais diversos momentos de nossa vida, somos instados a falar em público; seja em um ambiente formal, em uma festividade, em um trabalho escolar, ou mesmo entre amigos. Trata-se de um desafio. Frequentemente nos sentimos inseguros. Suamos frio, nossa voz fica embargada, rouca, temos dificuldade em pronunciar as palavras, gaguejamos, os fonemas parecem se embaralhar, as ideias se atrapalham, somos dominados pelo medo e a nossa vontade é estar muito longe dali.

Percebemos, então, que o aprimoramento da nossa competência linguística é fundamental, porém apenas isso não é o suficiente. Nessas situações, não basta somente dominar as estruturas gramaticais, os elementos coesivos, os fatores de coerência, é necessário também desenvolver, aperfeiçoar, apurar, refinar a habilidade de se expressar oralmente. É preciso saber argumentar, convencer, persuadir, demonstrando naturalidade.

A história tem registrado a presença de oradores excepcionais que demonstraram em seus discursos, além de coragem, preparo, determinação, expressividade oratória e competência argumentativa, como o grego Demóstenes (384 a.C.–322 a.C.), o romano Cícero (105 a.C.–43 a.C.), o português Vieira (1508–1597), os brasileiros Joaquim Nabuco (1849–1910) e Rui Barbosa (1849–1932), o indiano Gandhi (1869–1948), o inglês Churchill (1874–1965), o americano Luther King (1929–1968) e muitos outros.

Conquanto muito do êxito da eloquência repouse em uma preparação cuidadosa que vise expor com ex-

pressividade, clareza e precisão a nossa argumentação, em algumas situações específicas, essa condição não é satisfeita, já que, como afirma Bartholo,

Às vezes, somos tomados de surpresa e ficamos em pânico, quando nos dão a palavra e somos solicitados a fazer um agradecimento, prestar uma homenagem, esclarecer alguma coisa, fazer uma notificação etc. Em tais casos, o fator surpresa nos proporciona situações embaraçosas, as quais, contudo, podem ser resolvidas, dependendo de inúmeros fatores, os quais variam de indivíduo para indivíduo e de situação para situação. (2000:9)



Professora Marina Cezar

Mas, mesmo nesses instantes, alguns aspectos deverão ser considerados para se alcançar a eficácia argumentativa:

- Ter definida uma tese e saber para que tipo de problema essa tese é a resposta, isto é, quais são as perguntas que deram origem a ideia a ser defendida.

¹ Doutora em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal Fluminense (UFF).

- Ter uma “linguagem comum” com os que nos ouvem, ou seja, nós é que temos de nos adaptar às condições sociais e intelectuais do auditório, evitando utilizar um repertório excessivamente rebuscado, abstrato, vago, genérico.
- Ter um contato positivo com o outro, quer dizer, não só usar de sinceridade e bom humor mas também saber ouvi-lo com empatia, ainda que se possa discordar dele.
- Ter ética em todos os nossos propósitos ou ações, argumentando com o público de forma honesta e transparente, tornando-nos, portanto, uma pessoa confiável. (Abreu, 2002:37- 40)

Carecemos, assim, saber quem é a nossa plateia – qual a idade, o sexo, o nível sociocultural de seus componentes – e definir com clareza a finalidade da exposição – o nosso objetivo é informar? Instruir? Emocionar? Influenciar? Ou apenas divertir o público?

Necessitamos elaborar nossa fala, fundamentando determinados pontos de vista com razões ou provas, lançando mão de argumentos que alicercem com propriedade nossa tese, que partam de premissas confiáveis, que expliquem e defendam nossas conclusões, possibilitando, dessa forma, que outras pessoas possam formular opiniões por si mesmas.

Nesse mister, será de grande valia na composição e na organização do discurso nos servirmos dos recursos da retórica². O professor de filosofia e de estudos ambientais Weston (2009) elenca os diferentes tipos de argumentos dos quais podemos nos valer na construção da nossa peroração:

- Argumentos com exemplos – apoia-se uma generalização com um ou mais exemplos específicos.
 “[...] a terra inteira é o túmulo dos homens valorosos e não é somente o epitáfio nos mausoléus erigidos em suas cidades que lhes presta homenagem, mas há igualmente em terras além das suas, em cada pessoa, uma reminiscência não escrita, gravada no pensamento, e não nas coisas materiais. Fa-

² Palavra de origem grega *rhetorike*, que significa a arte de falar bem, de se comunicar de forma clara e conseguir transmitir ideias com convicção. Durante bastante tempo, a retórica foi uma das bases da educação de jovens, e durante a Idade Média, era ensinada nas universidades, fazendo parte das três artes liberais, juntamente com a lógica e a gramática. A retórica exerceu também uma forte influência em áreas como a poesia e a política. (www.significados.com.br/retorica). Depois de um período no ostracismo (especialmente no século XIX), nas últimas três décadas, a retórica vem reconquistando seu lugar nos diversos campos do saber, especialmente no dos estudos de linguagem.

zei agora destes homens, portanto, o vosso exemplo, e tendo em vista que a felicidade é liberdade e a liberdade é coragem, não vos preocupeis exageradamente com os perigos da guerra. (PÉRICLES, estadista, orador e general ateniense. Discurso feito em Atenas, no inverno de 431 a.C., primeiro ano da Guerra do Peloponeso. In: **100 discursos históricos**. p. 26)

“Senhores, devo acabar. Quando, há cinquenta anos, saía eu daqui na velha Pauliceia, solitária e brumosa, como hoje saís da transfigurada metrópole do máximo Estado brasileiro, bem outros eram este país e todo o mundo ocidental.

O Brasil acabava de varrer do seu território a invasão paraguaia, e, na América do Norte, poucos anos antes, a guerra civil limpava da grande república o cativo negro, cuja agonia esteve a pique de a soçobrar despedaçada. Eram dois prenúncios de uma alvorada, que doirava os cimos do mundo cristão, anunciando futuras vitórias da liberdade.” (BARBOSA, Rui. Oração aos moços. In: **Rui Barbosa: escritos e discursos seletos**. p. 679)

- Argumentos por analogia – parte-se de um caso específico para enfatizar a semelhança com outro. A analogia, entretanto, não exige que o exemplo oferecido seja exatamente igual ao outro, contudo é necessário que essa semelhança seja *pertinente*.

“Pois bem; dizia que, nesses dias em que concentramos nossa energia à maneira do exército quando resolve lutar, damos uma investida salvadora no horizonte e abrimos nele como uma brecha. Esses são os dias em que cada qual traça sua vida particular. Vivemos numa tal época que seria um erro a monotonia dos dias iguais.” (ORTEGA Y GASSET. Discurso célebre do grande filósofo espanhol. In: **100 discursos históricos**. p 260.)

“Assim como a mineralogia tem como objeto científico a pedra, a botânica a planta, e a zoologia o animal, da mesma forma trata a antropologia do homem, e dele não como um *zoon* porém como *zoon politicon* (animal político).” (TESCHAUER, Carlos. Poranduba Riograndense. In: **O Português do Brasil: textos críticos e teóricos 2: 1920-1945**. p. 246.)

- Argumentos de autoridade – cita-se uma fonte confiável, que pode ser um líder político, um pensador, um historiador, um cientista conceituado, enfim, uma autoridade abalizada no assunto abordado.

“Os tiranos e bárbaros antigos tinham, por vezes, mais compreensão real da justiça que os civilizados e democratas de hoje. Haja vista a história, que nos conta um pregador do século XVII.

A todo o que faz pessoa de *juiz*, ou ministro, dizia o orador sacro, manda Deus que não considere na parte a razão de príncipe poderoso, ou de pobre desvalido, senão só a razão do seu próximo...³ Bem praticou esta virtude Canuto, rei dos Vândalos, que, mandando justificar uma quadrilha de salteadores, e pondo um deles embargos de que era parente del-Rei, respondeu: ‘Se provar ser nosso parente, razão é que façam a força mais alta.’⁴” (BARBOSA, Rui. Oração aos moços. In: **Rui Barbosa**: escritos e discursos seletos. p. 677)

“Não sou dos que aceitam de todo a generalização um tanto afoita de Wilde: a de que qualquer *mané-gostoso* pode fazer história, enquanto só conseguem escrevê-la grandes homens. Creio mesmo que o ideal para um homem capaz de verdadeira grandeza – tal como a concebem os povos de formação ibérica – é fazer história e não apenas escrevê-la. O ideal que Antero de Quental tanto quis realizar. O ideal que Oliveira Martins quase realizou. O ideal realizado entre nós pelo José Bonifácio, que escreveu, como homem de estudo, páginas ainda hoje preciosas de História Natural e Social do Brasil [...]. o ideal realizado por Joaquim Nabuco que, tendo feito história com risco da própria vida, nas ruas do Recife e nesta própria Câmara, ao defender a causa abolicionista e ao traçar as páginas imortais de *Um Estadista do Império* e de *Minha Formação*. O ideal realizado por Alfredo Visconde de Taunay, que, tendo lutado na Guerra do Paraguai e não apenas administrado províncias do Império, fez história e escreveu-a, traçando as páginas igualmente imortais da *Retirada da Laguna*. (FREYRE, Gilberto. Discurso feito

em 8 de dezembro de 1950, no Congresso Nacional, ao final do seu mandato como deputado federal por Pernambuco. In: **100 discursos históricos**. p. 371-372.)

- Argumentos sobre causas – parte-se de uma correlação para chegar à causa.

“Aos cidadãos que, com os olhos cerrados sobre a guerra, pensam que é necessário afrontar intrepidamente todas as vicissitudes da fortuna, lhes oporei este argumento: deixamos a cidade de Oropos aos tebanos, e se fosse necessário declarar o motivo, diríamos que para evitar a guerra. Acabamos de ceder, mediante um tratado, Anfípolis a Filipe; sofremos que Cárdia seja separada de Querosoneso; que os caricatos se apoderem de Chios, de Cos e de Rodas, e que os bizantinos apreendam nossas naves; e tudo por quê? Sem dúvida porque encontramos mais vantagens em permanecer no seio da paz que em provocar coligações e contendas por semelhantes causas.” (DEMÓSTENES, considerado por alguns estudiosos o maior orador de todos os tempos. Discurso em que defende ser mais útil aos atenienses, naquele momento, a paz do que a guerra. In: **100 discursos históricos**. p. 37)

- Argumentos dedutivos – também chamados de silogismos – procede-se de proposições mais universais para proposições mais particulares.

“Ora suposto que já somos pó, e não pode deixar de ser, pois Deus o disse: perguntar-me-eis, e com muita razão, em que nós nos distinguimos logo os vivos dos mortos? Os mortos são pó, nós também somos pó, em que nos distinguimos uns dos outros? Distinguímo-nos os vivos dos mortos assim como se distingue o pó do pó. Os vivos são pó levantado, os mortos são pó caído, os vivos são pó que anda, os mortos são pó que jaz. *Hic jacet*.” (VIEIRA, Antônio. Sermão de quarta-feira de cinza. In: **Sermões**: Padre Antônio Vieira. v. 2, p.60)

“Vamos falar do que mais nos importa; vamos nos perguntar com urgência e peremptoriamente: o que é a nossa vida? A resposta não nos pode vir da Biologia. A Biologia ocupa-se de uma classe de fenômenos: os orgânicos. Os fenômenos inorgânicos, en-

³ Levítico, XIX, 15.

⁴ BERNARDES, Pe. M. Sermões. Parte I. p. 263-264.

construam-nos dentro de nossa própria vida. O que entendemos por essa expressão nossa vida é, pois, algo profundo, elementar e antecipado. É o fato radical que envolve e compreende todos os outros; é aquele que é imaginado por todos os demais. O selvagem nada sabe de Biologia e, todavia, quem duvida de que tenha o direito de falar de uma realidade orgânica e apaixonada que ele chama sua vida?” (ORTEGA Y GASSET. Discurso célebre do grande filósofo espanhol. In: **100 discursos históricos**. p. 261.)

No entanto, a nossa preocupação não se restringe, em uma exposição oral, apenas na preparação e na elaboração do *constructor* do pensamento, temos de ter também um cuidado especial com a expressividade corporal, uma vez que o nosso corpo, como afirmam vários estudiosos, *fala*, ou melhor, nos ajuda a externar com maior precisão, desenvoltura e vivacidade nossas ideias, conferindo mais profundidade e consistência ao nosso dizer.

Dominar a tensão, nesse processo, mantendo uma postura natural, sem afetação, pedantismo ou exagero; harmonizar nosso gestual, como por exemplo, não pôr as mãos nos bolsos, estalar os dedos, coçar o rosto, ou ficar andando de um lado para outro (atitudes que contribuem para desviar a atenção do outro); olhar diretamente para todos a quem estamos nos dirigindo; demonstrar simplicidade, não sendo arrogante, mas também sem excessiva humildade, são atitudes fundamentais nesse processo. O equilíbrio, portanto, deve ser a nossa aspiração máxima.

Se controlarmos nosso nervosismo, demonstrando segurança, confiança e afabilidade, deixando transparecer um comportamento verdadeiro, autêntico, fidedigno, não artificial, sem medo de revelar nossos objetivos e emoções, sendo espontâneos e sinceros, certamente conquistaremos credibilidade para a tese defendida por nós, venceremos o desafio de nos expressarmos em público e nossa apresentação será coroada de êxito.

BIBLIOGRAFIA

- ABREU, Antônio Suárez. *Arte de argumentar: gerenciando razão e emoção*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.
- BARBOSA, Rui. *Rui Barbosa: escritos e discursos seletos*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar S.A., 1997.
- BARTHOLO, Gilberto Ferreira. *Língua portuguesa: expressão oral*. Rio de Janeiro: Marinha do Brasil, Escola Naval, Centro de Ciências Sociais, 2000.
- FIGUEIREDO, Carlos. *100 discursos históricos*. Belo Horizonte: Leitura, 2002.
- OLBRECHTS-TYTECA, Lucie; PERELMAN, Chaïm. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- POLITO, Reinaldo. *Como falar corretamente e sem inibições*. São Paulo: Saraiva, 2013.
- TESCHAUER, Carlos. *Poranduba Riograndense*. In: PINTO, Pimentel, Edith. *O português do Brasil: textos críticos e teóricos 2: 1920–1945*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: EDUSP, 1981.
- VIEIRA, Antônio. *Sermões: Padre Antônio Vieira*. São Paulo: Hedra, 2000. v. 2.
- WESTON, Anthony. *A construção do argumento*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.